

UMA LEITURA SEMIÓTICA DA POESIA DE MANUEL DOS SANTOS LIMA

MARIA BELÉM RIBEIRO

Universidade Lusófona do Porto.

Esta alocução insere-se mais numa vertente pragmática, focando a interpretação e compreensão textual de alguns poemas selecionados da obra *Kissange*¹, sem descurar, contudo, o valor da semiótica no campo artístico angolano e, sobretudo, explorar o valor dos signos e da simbologia em temáticas marcadas pelas raízes e pelas mundividências da guerra.

Manuel Lima, tal como outros escritores angolanos – Pepetela, Luandino Vieira, Agostinho Neto – foi um dos escritores que escreveram mais de «fora» para «dentro», isto é, foi uma das pessoas que tiveram a possibilidade de se «europeizar» culturalmente e, portanto, puderam olhar para o país de origem com uma visão deslumbrada, encarniçando-se-lhes, talvez, mais a raiva por uma terra que sofria à distância. Desde muito cedo, Manuel Lima revelou-se um bom aluno e teve a possibilidade de vir para Lisboa estudar e conviver com as novas ideias que se discutiam na Casa dos Estudantes do Império defendidas pelos colegas que também estudavam na capital. Era uma espécie de geração angolana do *Orpheu* que pretendia mostrar ao mundo as suas ideias revolucionárias, combatendo o silêncio, a guerra e os conflitos raciais que se agravavam na terra-mãe. Essas mágoas aumentavam o sentido patriótico e a «orfandade» de uma terra/mãe cada vez mais dividida pela luta e manchada de sangue; de igual modo, as desigualdades sociais associadas a movimentos de colonos e colonizados agudizavam a negritude e tudo isto contribuía para que as vozes dos

¹ LIMA, 1961.

estudantes se erguessem contra uma terra de ninguém a ser usurpada pelos poderosos – os *Predadores* denunciados por Pepetela².

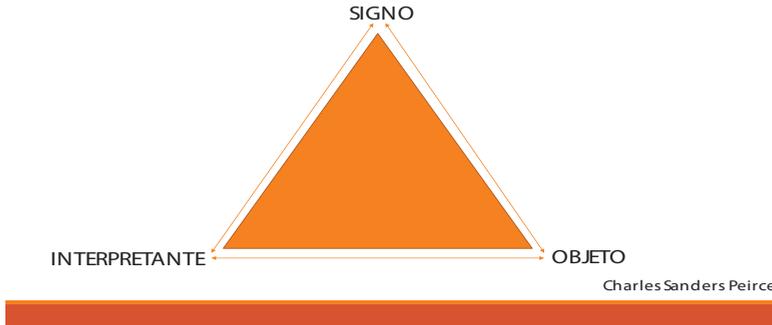
Hoje, como diversos escritores da sua geração, tornou-se um desiludido da terra e um viajante de sonhos.

Após estas breves notas contextuais, procederemos a uma rápida explicação sobre a semiótica e o seu campo de atuação. Entende-se por semiótica a ciência dos signos, isto é, o estudo dos signos e da forma como eles funcionam.

A semiótica centra-se, assim, em três áreas principais: no signo propriamente dito, nas suas diferentes variedades e nas suas diferentes formas de veicular significado; nos códigos ou sistemas em que os signos se organizam e na cultura no interior da qual estes códigos e signos se encontram organizados. A semiótica centra, portanto, a sua máxima atenção no texto.

O signo é algo físico, perceptível pelos nossos sentidos, refere-se a algo diferente de si mesmo. Para Peirce³, um dos fundadores da semiótica, «um signo é algo que representa algo para alguém a determinado respeito ou capacidade».

Assim, um signo refere-se a algo diferente de si mesmo – o objeto – e é compreendido por alguém, ou seja, tem um efeito na mente do utente – o interpretante (o próprio efeito significativo, é sempre o resultado da experiência que o utente tiver dessas palavras).



O nosso corpo funciona como um *scanner* que absorve toda a realidade que por ele passa e constrói-lhe um sentido. Neste contexto, tentaremos partilhar com o público uma nova leitura das palavras de Manuel dos Santos Lima.

quissange na noite

Quero uma noite de fantasia
uma noite de futuro

² PEPETELA, 2005.

³ PEIRCE, 1990.

para toda a minha África.
Não quero nada mais que esta noite.

Estão os meninos adormecidos,
não há cazumbis nos caminhos,
estão as fomes interrompidas.

Ouve o quissange!

Noite madura e larga
como o horizonte,
mochos calados,
rios de eternidade,
aromas sublimados,
oração do silêncio.

Ouve o quissange!

Germinam as sementes
no pensamento das gentes,
não há maldições no vento,
não sussurram os mistérios,
não há rusgas nos quimbos;
descem as bênçãos
até aos mortos de apelidos perdidos.

Ouve o quissange!

A Paz e o Amor
caminham de mãos dadas na noite.
No mundo tudo está certo,
o verme e a pedra,
a flor e a estrela,
tudo está em ordem.

Ouve o quissange!

Ouve... ouve...

O sujeito poético começa por exprimir um desejo, «Quero uma noite de fantasia», para África que abraça como sendo sua, «minha», sem excluir ninguém e nenhum espaço, «toda», «para toda a minha África». Curiosamente, ele pede uma «noite de fantasia», parecendo contrapor o medo e a simbologia do escuro conotados pela «noite» à fantasia que

tanto aspirava para o futuro. Sendo a noite rica em virtualidades de existência, a entrada na noite pode despoletar pesadelos e indeterminação. Segundo o *Dicionário de símbolos*⁴, «a noite apresenta um duplo aspeto: o das trevas onde fermenta o futuro, e o da preparação do dia, donde brotará a luz da vida» (474). Mas a noite pode ser ainda tempo de purificação da memória, surgido após o despojamento e vazio de um tempo mal vivido. Nesta perspetiva, compreende-se melhor a razão pela qual a noite desejada pelo sujeito lírico é «de fantasia».

Apenas pede uma noite, «Não quero nada mais que esta noite». De reforçar que a prece transita entre o indefinido, «uma noite», e o determinante demonstrativo, «esta». Esta referência deítica remete-nos para uma «noite» concreta – é o espaço-tempo de paz e de sonho onde ninguém sofre e que é evocado na segunda quadra. Nesse sonho – parece dirige-se no imperativo, «Ouve», convocando todos, inclusivamente o leitor, a participar no «quissange». A convocação à música sugere a necessidade de relembrar uma pátria sem medos e privações: «não há cazumbis nos caminhos/estão as fomes interrompidas» – apenas impera a música, para acalmar a maldade dos homens e saciar a fome. O quissange sobrepõe-se a todos os pesadelos, daí o tom mais descritivo do poema, pois a noite adquire maturidade e grandeza, contagiando a natureza circundante, desde as aves aos rios, sobressaindo os sentidos sublimados e extasiados num tempo de silêncio – a simbologia da música na cultura angolana –, o caos a transformar-se em cosmos e nesta harmonia das faculdades da alma o homem pode reaprender a amar e reencontrar a paz: «A Paz e o Amor/caminham de mãos dadas na noite». O poeta acredita na força do quissange e, por isso, reitera o pedido, «Ouve... Ouve».

Os elementos da Natureza – noite, mocho, rios, aromas – encontram uma ordem natural perdida pela guerra e pela violência instalada e, pelo carácter messiânico do verbo, «A Paz e o Amor/caminham de mãos dadas pela noite», a ordem restabelece-se – «No mundo tudo está certo, o verme e a pedra, a flor e a estrela, tudo está em ordem.» Aqui a palavra «ordem» conota uma metafísica perdida, por oposição ao caos e à desordem.

O poeta, mensageiro da pátria, arauto da boa nova, restitui pela palavra a ordem natural dos elementos da natureza.

escravos

Os homens acharam-se de peito
 ao relento,
 sem terra,
 sem caminho,
 sem destino,
 homens sòzinhos
 acorrentados no terreiro

⁴ CHEVALIER, 1982.

com os caminhos incógnitos do universo
 traçados nos rostos atónitos,
 homens de peito
 ao relento,
 quissanges dispersos
 nas insónias do mar.

Este poema insere-se mais no ciclo da negritude, tempo de guerra e de escravatura. Eram homens perdidos, sem caminho e sem lar metaforicamente retratados, «quissanges dispersos/nas insónias do mar». Esta imagem gravada na memória do sujeito poético permanece muito viva na repetição anafórica de «sem», reforçando a privação a que o homem estava/era sujeito. A evocação de «quissanges» uma vez mais reforça o papel dos rituais africanos e dos sons que ajudam a embalar os corpos dormentes famintos de um lar: «homens de peito/ao relento». Esta ligação ao mar desperto «nas insónias» remete para a falta de identidade do homem com a terra onde habita, sugerindo outras paragens e sacrifícios a que os escravos foram sujeitos. A terra não lhes pertencia e o mar transportou-os para o Brasil e para a América. Este passado histórico aliado à memória presente de Manuel Lima explica a necessidade de o poeta evocar o abandono e o desprezo a que o homem era votado; marcas gravadas na alma que tinha de as reportar para a escrita.

Mais uma vez, o signo sinal do sofrimento aliado à representação da cultura e da alma do ser africano pelo som que lhe é intrínseco, «quissanges» – o plural reforça essa representação pelo signo que tem o efeito de recriar imageticamente na mente do utente – esta mesma representação do africano.

Jornada

Vinhas só,
 o olhar poeirento
 e um oásis de esperança
 nas mãos desertas.

Vinhas só,
 as carnes acesas em sangue,
 os cabelos de sombra estendidos
 pela terra imensa mordida de dor;
 e na areia solta dos teus pés
 eu vi as raízes de África.

Chegaste
 com passos velhos de ecos

que soaram
 batuque e conquista
 nas noites tumultuosas da Impis.

Chegaste
 e cresceste em mim
 no grito dos tempos.
 Descansa à sombra da minha Vontade,
 mãe,
 eu continuarei a Jornada.

A «Jornada» continuada pelo sujeito poético ao evocar a sua mãe contém o germen do resgate da sua terra. O facto de ter visto, através dos pés, as raízes de África: «E na areia solta dos teus pés/eu vi as raízes de África». A Simbologia dos pés – a lembrar Monakazi, da *Parábola do Cágado Velho*⁵ – que ansiava por uma terra, um lugar que lhe despertasse o sentimento de pertença.

A mãe ensinou-o a ver a terra-mãe que, contrariamente à passagem do humano, fica para sempre. O papel da mulher em África é mesmo esse: ensinar os rituais e preservar a memória dos tempos. Note-se a referência ao «batuque» e ao «quissange» como símbolos da cultura africana muito enraizados no seu povo.

O poema começa no imperfeito do indicativo, «vinhas», e desenvolve-se num tom familiar entre o «eu» e o «tu»; depois a memória, descendo aos seus escaninhos, passa para o pretérito perfeito, «chegaste». Já nos três últimos versos, após a referência ao presente, «Descansa», e ao vocativo, «mãe», a jornada catapulta-se para o futuro – «continuarei». Se a mãe cumpriu a sua jornada, o sujeito está perante uma ação inacabada, o que revela que ainda há um tempo de reconstrução; é esse tempo de reedificação que permite gerar a partir dos eixos paradigmáticos as combinações sintagmáticas que conferem outra vida a África, tal como anuncia o poema com este título.⁶

Ainda em «Jornada», a fusão dos elementos humanos com a terra permite a construção de um cenário que remete para a ligação do sujeito poético a um espaço maternal que o acompanhou no crescimento e, agora, está e continuará nele. É a terra-mãe a eternizar-se nos sentimentos do filho.

Vinhas	só
Olhar	poeirento
Mãos	desertas
Carnes	acesas em sangue
Cabelos	de sombra

⁵ PEPETELA, 1997.

⁶ O poema África não foi transcrito, devido à sua extensão. Pode ser consultado em LIMA, 1961.

Terra	mordida de dor
Areia	solta
Passos velhos de ecos	batuque e conquista
Chegaste	cresteceste em mim

Nesta linha gerativa de significações, o estéril passa a fecundo, África surge como um ideal messiânico que o poeta vinha desde o início da sua escrita a traçar com palavras: terra «sem» – espaço de privação, mas que por não ter nada, nada tem para cobiçar – não desperta a cobiça pela morte anunciada dos metais e das pedras preciosas – a terra antes das três idades, livre dos sete pecados mortais que vitimaram e vitimam o Homem – terra iniciática que permite a escritura da *narração da nação*⁷.

O poeta assume-se como um visionário, um olhar de Deus na criação do Mundo. É ele que organiza os elementos da natureza (água, terra, fogo e ar), lhes confere características cromáticas e sensoriais e permite a sua fusão com o Humano.

A criação do mundo dá-se pela interseção de elementos Natureza/Humano – II parte do poema – a comparação da abertura da terra como génesis do Universo (metáfora da fecundação da terra): «como sexos de fogo», «Como um licor fecundante».

Na II parte o escuro foi substituído pela Luz sinónimo de Vida – referência ao nascimento do mundo.

Manuel Lima é um poeta orgânico que ao valorizar a fauna e a flora permite emergir um misticismo panteísta para favorecer o equilíbrio cósmico. Neste palco, sobressai o papel dos acordes musicais da Natureza, «o coqueiro como uma clave de fá/na pauta do universo», «como a água entre o quissange das pedras».

A semiótica cromática surge aliada a outros sentidos: a referência ao arco-íris que, pela sua natureza, cria um espectro de luz que reflete as tonalidades das flores, «Branças, verdes ou amarelas, amo-as todas». A cor rubra conota o calor, o carácter ardente desta terra vermelha de África, mas também o sangue e a guerra, a escravidão e a liberdade, reúne o sagrado e o profano, «rios vermelhos e quentes».

Na VI parte, a alusão ao determinante possessivo, «meu», retoma o início do poema quando se refere à terra e aos rios. Há uma espécie de gradação crescente que sugere a perfeita comunhão entre natureza/homem – «A minha alma está neles, / líquida e sonora».

A terminar, surge a criação – o Homem – como fruto da terra e «com destino de estrela» –, é um homem divinizado. Não haverá uma passagem do misticismo pagão ao plano mítico? Não sentiremos um apelo das escrituras que se mantém sempre atual, «Olha bem este Homem. Ama-o como eu.»? É esta África sublimada que faz parte do visionarismo do poeta, contrapondo o onírico ao real. A «sua» África não corresponde certamente ao espaço concreto vivenciado por muitos cidadãos do mundo.

⁷ BHABHA, 1990.

Com estas reflexões, pretendemos abrir perspetivas sobre novas leituras e novos significados que os signos aportam. Foi intenção levantar o véu semiótico dos textos, evidenciando o processo criativo infinito que existe em nós, enquanto leitores.

Para concluir, relembramos que signo é sinal, senha, desenho, desígnio, é a chave pessoal, a ligação entre a sensibilidade e a inteligência e evocamos as palavras da compositora e cantora brasileira Marisa Monte, a corroborar o papel semiótico na decifração narrativa do mundo: «Coisas transformam-se em mim / É como chuva no mar, / (...) É só alguém batizar / Nome p'ra chamar de / Nuvem, vidraça, varal, / Asa, desejo, quintal, / O horizonte lá longe, / Tudo o que o olho alcançar / (...) Frases, vozes, cores, / Ondas, frequências, sinais, / O mundo é grande demais / Coisas transformam-se em mim, / Por todo o mundo é assim. / Isso nunca vai ter fim».

Referências bibliográficas

- BHABHA, H. (2001) – *Narrating the Nation*. In PECORA, Vincent P., ed. – *Nations and Identities*. Oxford: Blackwell.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. (1982) – *Dicionário dos símbolos*. Trad. do francês por C. Rodriguez e A. Guerra. Lisboa: Editorial Teorema.
- LIMA, Manuel dos Santos (1961) – *Kissange*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império.
- PEIRCE, C. S. (1990) – *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- PEPETELA (1997) – *Parábola do Cágado Velho*. 2.^a ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PEPETELA (2005) – *Predadores*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- RIBEIRO, Maria Belém (2009) – *A definição de uma Literatura: Literatura Angolana*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Tese de doutoramento.